

No meio-dia das Coisas

Um texto de Vítor Ribeiro-Santos.

Para os cães.

Este texto foi criado a partir de gravações feitas na cidade de Candeias, Bahia, em 2014. Estes registros foram inicialmente destinados a um trabalho de análise linguística de seus enunciadores, tornando-se, ali, *corpus*. Com o tempo, as palavras se impuseram às intenções da pesquisa – que em si já era suficientemente desinteressada.

Talvez alguns argumentem que não há justiça em fazer das palavras das pessoas algo tão diverso e alheio a suas intenções. O problema é que o próprio texto quer argumentar a este favor, não restando dúvida sobre o veredito final: falar é defender, com toda a razão, as mais torpes injustiças.

Por isso, quando ser injusto torna-se o modelo das ações e do modo de vida daqueles que pautam os destinos dos debates neste país, a questão parece ser requisitar para as palavras sua própria injustiça essencial. Ela é o oposto do cinismo, ferramenta inútil de quem pretende disfarçar o mundo, o corpo, o nada.

[2021]

I.

II. Vida e Obra de J. Ramos Santos

I.

Ó padarias, ó domingos, ó viadutos, qual seria a voz de sua voz? Como se enuncia um corpo ainda sem corpo? E como se colocaria – por qual fenda, por qual orifício – uma alma nítida nas dobras deste mundo?

Quando o fundo se quer forma – um pedido, como um ritmo, contido – é preciso escutar com os olhos. É preciso discordar com os cabelos. É preciso gritar por dentro dos objetos. As cidades de um país negativo pulsam, em sua inexistência provisória.

As pessoas cantam e as pessoas escutam. A verdade inflama os olhos, cega e faz falar. A beleza se reparte com os dentes. O desejo leva a um passo, que leva a uma pegada no liso falso do cimento. Onde depois se escreve um nome. Os muros – das quitandas, das borracharias, dos estacionamentos, das casas dos velhos – também estão repletos de cartas, de epopeias, de autos de resistência, de notícias da guerra. As coisas se regem mutuamente, como um segredo cuja razão de existir é ser descoberto.

E já não é essa também a sua voz. Porque ela diverge, definha, deriva, no instante em que se diz e é ouvida. Ó igrejas vazias, ó mesas de bilhar, ó cinemas: o que estão a especular agora? E qual a matéria de sua memória? Aceitar que se possa pensar em ausência, e para isso cantar a derrota como quem simplesmente ouve, agora.

Porque esse sol que fende e cura, que ama e que precede, que ri e que padece. Assim que as coisas ditas sejam transcritas, aí. Ainda que se possa querer um pouco mais quando tal. Na medida em que se possa o sim.

Pensar um corpo sem toque, um ritmo sem música, uma paisagem sem olhos. A tarde é propícia ao sono, e deus pode também bocejar. Pensar num corpo em seu toque, num ritmo por música, numa paisagem em olhos. E também não pensar.

Laura cega-se com a luz do meio-dia, interrompendo a fala de Antonio que – do outro lado do continente – estanca. É isto uma coisa?

Pois as pessoas já se sabe há muito o que são.

Sabe-se excessivamente. Como a descrição exaustiva dos veios de um rio, de suas coordenadas

no espaço, do ângulo de suas curvas, faz com que ele fique mais distante, e se cale. Faz com que ele seque, posto que (um rio seco é uma coisa?

Um rio e um rio seco são duas coisas distintas?):

-Um pé ferido é uma das falas do monólogo de uma mesa. Um monólogo que se arrasta por todo o instante em que.

-Um monólogo de uma coisa perdura unicamente no instante em que ela se percebe ou é percebida como coisa:

-Uma coisa é um amontoado de ____ que ainda não foram percebidas ou nomeadas como coisas,

-*Dar nome aos bois* é fazer com que eles existam como mais-do-que-coisas;

-Mato é, antes de tudo, uma categoria ontológica:

-Laura e Antonio são concebidos por seus patrões como pessoas, não como coisas.

E isto é mais urgente que própria urgência.

(Um cão e um oceano são coisas distintas? Se onde, sim?)

A literatura, a religião, como o plástico ou a pena de morte, um dia hão de acabar. Seus pedaços, depois da explosão, vão se decantar sobre as cidades. Vão se misturar ao curso dos rios imundos, às pedras das calçadas, ao fundo dos pratos, aos olhos sem portos.

E disso não se dará uma única linha em um único jornal de bairro.

A vida civil seguirá se formando através da aniquilação da voz, pela da celebração das vozes. Não haverá tempo de encarar os meios

ou os fins no dia em que o boa-tarde termine. Não haverá nenhuma beira, nenhuma borda para se contemplar o céu, ou o abismo. As coisas a cair de si para si, e mesmo estas.

A cair no instante em que se tornarem impronunciáveis.

Enorme ato é não falar. Mas *não cogitar falar* segue sendo ato nenhum. Como um mundo

dispensado de ser mundo, em suas formas ocas, árvores negativas, avessos, arredores, anticidades. Não espaços que, a despeito.

Curvar-se então ao despotismo do nada. Porque foi necessário aceitar o despotismo do algo.

Caminhando.

Dedicando as moedas mal gastas neste país a tudo aquilo que nunca se dará. Ali as coisas terminam: ali acabam, têm termo, cessam. Ali tornam-se

menos que *não*, passam a reinar sobre si. Fecham-se.

Não há ali.

Não há excoisa. Não há roupa a despir.

Tampouco haveria, neste ponto, migalhas de mundo a varrer da casca do mundo.

As nuvens solitárias que movem as correntes dos mares são como os dias úteis que irrigam os livros. Um corpo é como um campo de futebol, que só existe quando não está vazio. Uma cidade é como um cão faminto. Cortar as próprias unhas é como abrir uma gaveta. Um vírus é como um teorema político envergado diante do dia sem artifício.

2021 é como 2030 nestas palavras escritas. Uma fotografia é como uma mão aberta.

Três aviões são como oito centavos. Uma canção é como um terreno baldio. O tempo do universo é como um pedaço de bolo servido. Um buraco é como todo o sentido.

Respirar é como escavar um túnel no nada.

Aprender é como enxergar.

Quatro pombos são um calendário.

Isto é como isto.

Gregos remotos prostrados na praça do mercado calculam a distância entre duas pessoas que discutem numa grade. Seus olhos são – provavelmente – angustiados. Suas palavras, por outro lado, hipotáticas, clamam construção, sintaxe. Clamam prédios espelhados, aconselham metrô lotados, bradam mesas de contadores, berram naufrágios de navios mercantes, invocam fogueiras, abolem o terceiro excluído. E falam.

Mas as aventuras da razão passam, antes de tudo, por este cenário. As duas pessoas que discutem são – nas entrelinhas – mulheres que dividem um quintal, por onde animais ainda atravessam, confundindo-se, indiferentes. Aparenta ter 30 e poucos anos a mais alta; a mais baixa, cerca de 20. Seus maridos cumprem, neste instante, suas obrigações com a sociedade e com a cultura. Uma ameaça a outra com uma espécie de faca. Os matemáticos calculam, a despeito do impasse, e logo comprovam ao menos três teoremas. Os animais pastam. A polícia é ainda – e sobretudo – uma quimera.

Roda a história, como uma bicicleta, no ritmo dos gestos.

sim, de fato, mas V.Exas. não de convir que a Colônia é um engenho de lados de dentro. Nossos pulmões estão, portanto, expostos ao sol. Caso se pretenda, é claro, reverter este quadro, há de se considerar estes fatos. Que não invertam as pessoas, nem que elas tenham que, por questões ideológicas, andar pelas ruas a segurar suas entranhas; mas que então se possa pensar, por outro lado, e todos nesta sala não de convir, como chegamos às conclusões que chegamos, aos trajetos atuais das avenidas. É preciso acabar com qualquer distinção entre o azul e o amarelo, para que se acabe a distância do azul ao azul. Eu gostaria de pensar, junto a V.Exas., em medidas enérgicas para que se possa viabilizar estas alterações no texto em voga. As pessoas estão morrendo neste exato momento, por motivos totalmente alheios. Ainda assim, morrem privados destas coisas, e continuam a morrer neste exato momento. Ora, não me digam que as decisões sobre tal assunto são motivadas por temas técnicos, porque, e isto sabemos quando estamos dormindo, não há nada além de um céu inteiramente azul sobre o peito de nossos pés. *Data venia*, sobre os pés de V.Exas. Não proponho, portanto, forma alguma de aglutinação entre os pares opositores e governistas. Acredito na política como acredito na existência de maçãs e de cachorros [Peço mais uma vez silêncio aos presentes]. Nos continuarão impedindo que haja um ponto de vista sobre o ponto de vista? Isto tudo são coisas que estão – observem mais uma vez os leitos abarrotados dos hospitais – a existir à nossa revelia. Peço que V.Exas. reflitam, portanto, por um instante que seja, na hipótese de que o novo texto deva deixar claro que tudo – como as coisas que cito e que não cito – deva de alguma forma ter o direito de possuir um discurso para si. V.Exas. precisam se alertar a este chamamento. É isto que querem as ruas. Ouçam as ruas, caros colegas. Encostem os ouvidos nos bueiros, nos postes de telefonia, nas portas de correr. Percebam que seus dilemas não são em nada parecidos, que a vida é

uma absoluta cornucópia de idiomas. Se somos, se quisermos ser um país, caros colegas, precisamos entender que – para nós, para os pulmões e os cães – isto é uma perigosa e essencial abstração. E que nós ainda não somos.

Acho que é isso.

Que

nunca lhe faltem nomes para ouvir. Que nunca lhe faltem as barreiras desenhadas como forma. Que sejam para sempre eleitas pela solidez possível de algo possível. Que sejam porosas. Que as coisas vivam e que também morram. Que se creia num arbusto como numa religião. Que se conte esta história. Que se conceba, em nosso dogma, um riacho. Que se escreva em artigos esta ilha. Que o ano termine. Que o que vivamos seja apenas uma prova de que o mundo, sim, existe. Que este cão busque uma sombra e durma. Que o mato cresça. Que as coisas se movam por dentro da terra. Que sua existência seja um risco, um milagre e um acinte. Que ele sinta sede. Que a memória seja também uma prova. Que se ame o que se duvida. Que a natureza seja uma imundície ou que seja ela a própria limpeza. E que nunca mais lhe faltem nomes

para que digas o sim.

II. Vida e Obra de J. Ramos Santos

Rubrica: *A morte é um litoral, como a língua.*

1.

Quando, em 1958, logrou-se a emancipação de nossa cidade, demos um definitivo passo em direção a *algo*. Não só para que se erguessem os prédios envidraçados da câmara e prefeitura, necessários para a coletivização da vida do nosso homem local; não só para que se construísse um elegante monumento à pujança do petróleo que acreditávamos adormecida sob nossos pés, sendo portanto necessário sempre lembrá-la; nem mesmo para a instauração de um nome como uma demarcação, riscado com réguas fortuitas mas decisivas por sobre nossos ossos.

Criamos um campo amplo para se pensar.

Esta era, sim, durante todo o tempo, a batalha; ainda que apenas tarde na vida eu o admita.

Quando desço a Feira do Pau, tremo os joelhos com o peso do escafandro que sustento, por exemplo. Escorrego, deixo que este peso me conduza ao fundo do vale. Saúdo um conhecido, também preso ao ar que de algum ponto acima de nossas cabeças nos repõe a vida. As frutas, atadas a corda, resistem ao chamado morno da superfície da água. As mesas estão marretadas no solo arenoso mas, por vezes, escapam. Toda a luz irradia de múltiplos pontos simultâneos, contaminando as gotas justapostas. Limpo o limo das frutas e das verduras, pago em moedas, amarro, com lento nó, as sacolas, em giros. Ando por saltos breves. Me canso como de qualquer forma me cansaria. Respiro. Já

vivi, sim, décadas. Subo a encosta, onde me escoro. A superfície é o dia, é o vigor das horas que pairam. Tiro o capacete. Me lembro de Getúlio Vargas, que aqui estive no fatídico ano de 1953.

Isto construímos com nossa luta, isto pagamos com nosso suor.

2.

Uma paisagem como uma humilhação, um grão de areia como um assassinato, uma caneta como um pecado capital.

Não pense que estou louco: apenas sei o que é a loucura, porque já a vi de longe e de perto. A vida no comércio, muito longe dos discursos toscos que dizem que o dinheiro é um fruto temporão de árvores secretas, é o próprio viver de absurdo. Não existe nada igual no mundo. Dois pães custam o mesmo preço, mas são distintos. Distinta também é a fome que se alimenta, mas paga o mesmo preço.

Eu vi a loucura de perto.

Escute, não se deveria gastar um único centavo que fosse para se dormir em uma cama. Tanto mais digno é dormir ao relento, ao nível da rua, com os bolsos cheios. Os sonhos que tive, quando me apartava de um dia exausto, não foram orçados, pesados, dosados por ninguém. Não cabem em meus olhos, nem em minhas mãos: jorram, como o azeite que perfura, silencioso, a garrafa que o contêm. E tinge o chão das feiras.

É preciso amar o trabalho, porque é preciso aceitar a vida. O que fazemos, a todo o momento, é um ato insólito de escambo, troca, cessão, resgate. Minha voz por tua atenção. Dois papéis por um cavalo. Minha palavra por tua casa. Minha morte por

minha vida. Tuas costas por minha casa. Minhas costas por um cavalo. O trabalho é toda esta ficção por trás da absoluta falta de mensura. Sentir-se recompensado: mais lindo um lustre visto por olhos calejados.

No meu primeiro emprego, das 17h às 6h, escuchaba mis patrones diciendo que la vida no podría ser una aventura tranquila, porque jamás habían visto hombre que hubiera acabado feliz: ni siquiera Jesús Cristo lo había sido, nosotros no tendríamos por qué ser. La mar es hecha de movimientos mas eu, contudo, era um pouco menos feliz que meus demais pares. Meu colchão ficava atrás de uma porta, que muitas vezes era aberta com a enorme vontade que bancam a pressa, e a perversão. Eu acordava assustado.

No meu segundo emprego, em um bar pequeno em uma ladeira, pagávamos os sambistas com engradados de cerveja.

No terceiro, a miríade de coisas que vendíamos não lograva centavo. Botões, fitilhos, prendas pequenas, agulhas, fitas de cetim, carretéis, novelos, em cores e tamanhos os mais infinitos, a preço de quase coisa nenhuma, esperando sua vez para se incorporarem a algo. Bonita metáfora.

Do quarto emprego em diante, assumi a função de patrão de mim mesmo. Mande em mim, me demiti e me recontratei, me puni e me recompensei com viagens de carro, azulejaria, comida quente, filhos.

Agora, a lembrança da dor nas pernas, e da loucura. O azeite nas garrafas, corroendo o mundo, chegando ao centro da Terra. Vista do céu, eu imagino, esta cidade deve ser completamente rubra, laranja, roja, escarlata, enfim.

3.

Tudo aquilo que podia mover com uma ideia eu chamava de corpo.

4.

Venham todos ver as mais renomadas atrações internacionais.

Em minha visão, nada pode ser mais imprescindível para a vida pública do que a oferta de variedades: o truque, o assombro e o riso são reinos em que naufraga a vontade própria. Ali nos fazemos, em meu ponto de vista, uma sociedade: entramos, juntos, à deriva. De nossa parte, o esforço foi tremendo em proporcionar a vida das formas, desde o princípio, sendo um dos motivos para criarmos este vasto terreno dedicado a estes *happenings*. Também aqui em nossas cidades, como consta aliás na própria portaria nº11 do dia 25/03/1984.

Eu costumava pensar em como uma pessoa teria decidido – em que instante, em que lapso – a dedicar seu tempo de vida a se aprimorar em pular de uma argola a outra, ou colocar a cabeça à boca de um animal, ou cuspir fogo por entre os dentes. Com o tempo, e diante dessas pessoas, contudo, me aparecia o mesmo assombro a pensar naqueles que acordavam quando ainda amanhecia, e saíam para ficar pendurados em uma escada arrumando linhas telefônicas, ou se agachar para refazer o calçamento, ou se colocar na ponta dos pés para fazer penteados. Não sei se você (que sou eu) me entende; não sei também em que medida somos acrobatas exilados no solo, e por isso nos entendemos.

Me parece que assim permanece coesa a intenção de nossa cidade, de nosso país em existir. O cinema, o circo, os parques itinerantes que aqui aportam, tudo isso é como, não sei, catar feijão. É separar duas coisas iguais pela impressão que nos causam ou podem causar, pelo gosto que podem ter. Às vezes creio que escolhemos para nossas vidas sempre o pior. Mas que pelo menos escolhemos todos juntos isto.

Claro que, dizendo desta forma, é como se jogássemos ao limbo dos dias aquilo que nos define como somos, e as linhas pelas quais projetamos nossas memórias – as memórias

já são também o reino da exceção. Mas, e se, diante do beijo na tela projetada, sentirmos que a vida não vale mesmo a pena? Onde colocar, o que fazer com este sentimento?

Porque, no campo oposto, e mesmo com as ordens de repreensão que o prefeito Antonio Paterson delegou à polícia, seguimos recebendo até hoje os chamados *shows de aberração* na feira de nossa cidade. Essas visitas insólitas atiçam a curiosidade de nossos moradores, que parecem se consolar sobre o destino das próprias vidas ao se solidarizar com deformações, anomalias, vozes e caras grotescas que imploram por dinheiro como ato de perdão por estar existindo sob os olhos de alguém. E então circulam em nossa cidade, sem nenhum pudor, a se enunciar em carros de som, com os mais cruéis adjetivos. Quanto maior a dor, maior o retorno.

Penso muito em tudo isso. Em como as coisas viram o seu oposto. Amar a exceção para trajar o normal. Defender o normal porque se pode repugnar a exceção. Nossa cidade sempre foi repleta de ladeiras, de vielas, de arestas. Só mesmo aqui, onde eu estou, que estas questões – nas quais ainda penso – permanecem suspensas.

Eu não soube o que é a vida, porque não soube o que é o circo.

5

A guerra, como li nas bancas de jornais dos anos 40, é só uma prova daquilo que nos impuseram como sendo a vida. Quando criança, acreditava que o mundo era uma experiência sem bordas: que as coisas agiam umas sobre as outras o tempo inteiro. Eu corria pela praia e a praia corria em mim. Eu comia uma fruta e uma fruta passava a fazer parte de mim. Estar era, portanto, sinônimo de pertencer.

Mas eis então os principais itens do meu inventário: uma casa localizada à Rua Sete de Setembro, Centro, no valor calculado e atualizado de R\$140.000,00. Um galpão localizado à Travessa Sete de Setembro, Centro, no valor calculado e atualizado de R\$50.000,00. Uma casa localizada à Rua das Fontes, Centro, no valor calculado e atualizado de R\$40.000,00. Um automóvel da marca Volkswagen no valor calculado e atualizado de R\$40.000,00. As demais coisas não foram orçadas, salvo engano, porque carecem de escrituração.

Não sei se o mundo tem bordas ou se isso fomos nós que pressupomos.

Quando lia que os soviéticos haviam avançado 4 ou 7km, imaginava o riso de gozo daqueles que pensavam *meu mundo é agora um pouco maior ou mais concreto*. Pensava também nos teutônicos que sentiam que sua realidade estava, então, mutilada. Então olhava para minha vida, como hoje – de uma encosta de costas – também olho. O medo de perder *tudo*, sem nunca saber o que *tudo* significa. À espera do instante em que roubariam as maçanetas das portas, as gravatas, os pentes, as imagens dos santos, as caixas de fósforos, a minha memória. Eu perderia terreno, eles avançariam, se tornariam maiores. O mundo: o resto deste litígio.

Mas hoje ao menos consigo recolocar meus olhos naquela praia que me atravessava. Naquela vida que me atravessava, e pela qual eu atravesssei também. Não sei se existia alguma coisa remota, ou se o mundo era aquilo tudo que tomava forma. Por isso permanecer calmo. Agora que tudo está perdido, restando apenas *tudo*, ao redor de meus pés descalços.

6.

Já viste a morte sob teus olhos?

É como saber que há, no céu, nuvens que passam. É algo tão distante quanto uma forma sonhada, que se tenta recordar à força. Como se à força a vida das imagens fosse possível ou necessária.

Mas eu não saberia te (me) contar.

Quando principio esta tentativa, torno-me um tanto mais cego: derivo então para outros lugares. Ver a morte é como ver um ator de costas em um filme mudo. Como olhar para as próprias mãos sob uma água fria. Como comer algo e não conseguir sentir seu gosto, apenas sua textura. Quando me lembro do instante em que o homem, sobre a ponte, disparou a arma; ou quando me recordo do carro que, a despeito da criança desmaiada, acelerava; ou quando vejo mais uma vez no alto da casa o jovem que berra contra os círculos concêntricos que há na natureza, não vejo nada. Sinto um vento, mas não vejo nada. Exatamente como minha voz, as nuvens são imediatas. Não apresentam efeito ou causa, origem ou matéria, motivo ou destino. Nos observam quando pensamos observá-las.

Mudo, o mundo não tem nenhuma moral possível. Já viste a morte sobre teus braços? É como observar caranguejos se moverem dentro de um balde cheio de lama. Você já viu caranguejos? É como sentir, em suas mãos, o barro endurecer sob o sol, mostrando então – aos poucos e de uma vez – o seu peso, então potência.

Nós não nos presenciamos.

Por isso estão guardadas, ainda hoje, nas gavetas à cabeceira da mesa, em minha casa, as minhas agendas. Ali está tudo aquilo que poderia ter sido real em minha vida,

incontestavelmente. Coisas como datas de aniversário, dias de pagamento de contas, telefones e endereços de clientes e fornecedores, compromissos. Coisas cuja natureza é que sejam esquecidas para serem lembradas, para serem esquecidas de uma vez. Nelas fazemos a vida, nelas o dia *se ganha*, por elas consegue-se uma roupa bonita, que podemos usar no dia em que alguém, como uma nuvem, nos observar passar.

Não há ritmo, nem é um final isto. Mudemos, então, de assunto.

7.

Na Amazônia, o progresso nacional me pareceu risível, na forma como tentaram nos enganar pensando que éramos estrangeiros. Subiram os preços, se disfarçaram, se riram. Não seremos sempre o que queríamos ter sido.

Não há guias segurando lanternas, para nos guiar pelo abismo. E no entanto seguimos. Digo seguimos no espaço, mas também pelo tempo – e por fora do tempo posso costurá-lo. Crivar o mundo de passos é decompor-se, expor-se ao ruído. Em Buenos Aires assavam um boi inteiro. Em Brasília criavam molduras para o nada. Em Recife nadamos no rio.

Haveria muito misticismo em dizer que são as coisas que viajam em nós. Mas não nego dizer que deixei, ao longo da vida, muitas partes minhas por aí. Que o mundo as tenha requisitado para seu solo, não o nego. Minhas pernas surgiram como uma dobra na retidão dos horizontes, e acabaram-se como parte de sua extensão: paralelos. Onde estão agora os meus joelhos, transformados em um ponto numa reta? Gosto de imaginar que haja arbustos onde eu me recomponha agora. Pacas com um grão de minha voz. Meandros com traços das palmas de minha mão. Estantes com meus olhos.

(Durante a vida, ideias fixas para compensar o corpo. Durante o resto, um corpo estanque de onde se emane um rastro das ideias.)

Não se preocupe: Deus segue em voga neste mundo que enuncio. Deus é a instituição da viagem, é claro. Viajar é compor-se como parte de um reino perdido, viajamos quando fomos expulsos do paraíso. Viajam as minhocas cegas sob a terra, e sua cegueira é ela própria uma paisagem. Viajam as aves, os peixes, as árvores. Viajou esta cidade para a parte de cima do monte que a limitava. Construíram neste país milhares de quilômetros de estrada para que os homens viajassem. Este é um desígnio de Deus, posto em movimento pela perdição do homem. Não se preocupe.

Em Belém do Pará vimos o Círio, e o entendemos. Há uma imagem que se move, porque tudo que é divino e vivo carece de movimento. As pessoas se movem junto à imagem. As pessoas se movem das suas casas e para as suas casas. A chuva cai, perpétua, e desloca a terra que antes se sustentava. A água se move sob as pessoas que se movem. O planeta gira mas jamais derretem as geleiras nos cantos da Terra, e isto permanece como um mistério divino, amoral, infantil.

Em vida, bobagens.

Mas há o país, e há como nos ferem os pés as pedras.

8.

Se não podia olhar meus filhos com assombro, escolhia não olhá-los de maneira alguma. Dos enigmas que a vida me entregou, talvez este tenha sido o mais longínquo: como seria possível fazer o trajeto do um ao dois ou do dois ao um, e por onde este trajeto passaria.

Nossa cidade, desde sua emancipação e da construção do campo fabril, viveu um período de grande explosão demográfica, ocasionada sobretudo pelas facilidades proporcionadas pelo governo federal em nosso entorno. Os solitários aventureiros do sertão e os corajosos sulistas que abdicavam do pretenso conforto dos *shoppings centers* formaram – ou se abdicaram para formar – este décimo de milhão de habitantes que temos aqui hoje, ao redor de onde ainda jazem nossas velhas casas. Pessoas que já não se conhecem pelo nome ou pelo nome de suas avós. Eles nos entregaram a outra forma de destino.

Mas não há dissabor aqui. Gosto de pensar assim mesmo em nossa cidade: antes de um chão firme, de um corpo teso no mundo, de um varão fincado, o resto produzido pelos passos que a estão a atravessar. Os velhos trens da leste, os caminhões de devotos, os parques itinerantes, os técnicos do governo, os banhistas e mergulhadores, os caixeiros viajantes, as pessoas que porventura estão aqui há dezenas de anos. Uma cidade é a fotografia de um corpo no ar.

Um dia eu também cheguei nessas bandas, com uma mulher e um rádio-relógio.

Aos poucos e sem fim, o mundo tem conduzido esta cidade para um lado ou para o outro dos montes, da voz, da história. A cidade é um acidente, como a vida é um acidente. Algo e quase numa coisa só.

Penso em meu velho sítio. De cima, imagino, ele parecia um enorme retângulo, cortado na cabeceira por uma encosta. Eu o arava. Aí então veio a estrada, varando nossa terra como uma estaca, criando um jorro que não cessava de sangrar. O sítio então tornou-se algo entre um trapézio e uma coisa sem nome, que eu só conseguiria explicar se, impossivelmente, desenhasse. Reformado e deformado, de todo modo, meu ainda era. Mas então vieram as cheias, e vieram os saques constantes, as podas, os sóis sem fim,

até o ponto em que observar o sítio era simplesmente padecer de mim mesmo. O mundo tinha deixado aquele resto, e continuaria a fragmentá-lo. Coloquei o sítio em uma troca por uma caminhonete. Passo uma parte de meu tempo infinito a imaginar como ele hoje estará, se pode ser chamado de *isto*.

E como estarão meus filhos. Porque olhá-los também seria cravar, buscar, motivar, decidir. Eu não saberia amá-los e, ao mesmo tempo, reconhecê-los. Não saberia escolher entre o que sei que eles são e aquilo que eu imagino que eles seriam. Não sei se você me entende. Tampouco sei se eu posso me entender, ou se o desejo, ou se desejo desejá-lo.

9.

Se ama não te pertence. Se ama não é eterno. Por isso eu permaneço, como uma cidade em uma estrada por onde se passa sem pressa. Eu não estou vivo. Este texto só existe porque eu deixei de estar vivo. Foi neste ato, neste gesto, que uns pensam ser mesquinho e outros pensam ser gentil, que passei a pertencer ao mundo real. Sente-se e me imagine falar. Você está vivo, apesar do que querem te fazer acreditar.

Hoje, dia 31/03/2021, cabe nesta paisagem azul. Estamos de costas para a igreja, que também está de costas para a cidade. Lagartos passam – chamam-se *calangos*, caso você não saiba. A usina, ao fundo, solta fogo e fumaça. E não parece nunca nos ameaçar. O mar está ao fundo, se você se colocar na ponta de seus pés. (Se colocar na ponta dos pés é um resumo de todo o trajeto humano na Terra.) Do lado direito, campos vazios, abandonados às pressas. Eu me lembro, quer dizer, você se lembra de eu ter me lembrado, do dia em que tudo aquilo colocou-se em chamas. Depois mais nunca. Montanhas. Esta estrada. Aquele outro e mais outro carro. A voz que fala quando

estamos calados. Eu sinceramente não sei se vencemos os nossos ossos, mas alguma coisa me leva a crer em algo.